

ANTES DE TUDO, FILOSOFIA

A ecoeducação como proposta pedagógica

Arthur Soffiati

Professor do Departamento de Serviço Social/UFF e Doutorando em História Ambiental pela UFRJ

Resumo

Há notória perplexidade entre os chamados educadores ambientais porquanto não vislumbram com clareza se a questão que lhes é pertinente deve ser abordada na forma de disciplina isolada ou integrada às outras, de maneira informal ou através de projetos. Além do mais, a falta de um necessário conhecimento de filosofia não lhes tem permitido compreender devidamente se a educação ambiental trata-se de um esforço situado num sistema educacional convencional visando lidar com a crise ambiental ou se vem a ser uma proposta abrangente vinculada a um novo paradigma. Tais os temas discutidos neste pequeno artigo.

Parece indiscutível a existência de uma crise ambiental planetária. Seus sintomas mais conhecidos e abrangentes são a destruição física e biológica dos ecossistemas nativos e transformados (marinhos e continentais, aquáticos e vegetais), o empobrecimento acelerado da biodiversidade, a depleção dos recursos naturais não-renováveis, a produção e a liberação crescentes de substâncias poluentes, a contaminação dos oceanos, a construção de ecossistemas antrópicos agressivos à vida, inclusive à humana, o acúmulo de gás carbônico nas camadas superiores da atmosfera e a corrosão da capa de ozônio, para só mencionar os principais (DORST, ERICKSON, LUTZENBERGER, MCKIBBEN, PELT, WILSON). E a originalidade desta crise lhe é conferida por suas raízes antrópicas. Os historiadores da

Terra acusam a existência de crises planetárias no passado mais agudas até do que a atual. Todavia, nenhuma delas foi provocada por espécies homínidas ou pela ação de qualquer outra espécie, senão que por fenômenos astronômicos, climáticos e geológicos (GOULD, WILSON). Houve também crises de origem antrópica no passado, mas nenhuma de âmbito planetário (DORST, PONTING). A crise atual é, ao mesmo tempo, antrópica e planetária (SOFFIATI, 1996).

Diante dela, podemos identificar pelo menos três grandes posturas. Chamaremos a primeira de *exponencialismo*, pois continua, com otimismo, acreditando que a modernidade, nos seus avatares - ciência, megatecnologia estandardizada, capitalismo, socialismo e democracia convencional -, está apta a resolver todos os problemas da humanidade, inclusive a crise ambiental, ainda que minimize a sua dimensão ou até mesmo se recuse a admitir sua real existência (BERNARDO, FUKUYAMA, MAGALHÃES, TRAGTENBERG). A segunda, que denominamos de *compatibilismo*, não abre mão das formas clássicas de desenvolvimento, mas entende necessário conciliá-las, desde já, com a proteção do meio ambiente. Trata-se de uma postura ambígua, pois tenta a acomodação e a coexistência de entidades antagônicas e excludentes quando levadas a situações limítrofes (COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO; MEADOWS, MEADOWS, RANDERS e BEHRENS III; MESAROVIC e PESTEL). A terceira, que, por falta de expressão mais apropriada, pode receber o nome de *movimentos civis de defesa*

do meio ambiente ou da natureza, geralmente corporificados em organizações não-governamentais, abre-se em leque. O *conservacionismo*, a exemplo do exponencialismo e do compatibilismo, vê tudo como recurso, até mesmo o ser humano. Porém, defende a criação de reservas da natureza não-humana na forma de *unidades de conservação*, denominação por sinal imprópria (FBCN). O *ambientalismo*, talvez por imposição das circunstâncias, preocupa-se mais imediatamente com as agressões à natureza não-humana: destruição física e biológica de ecossistemas e poluição, sobretudo (PÁDUA). Em suma, com ações pragmáticas e de resultado. O *preservacionismo* anseia pela intangibilidade dos resíduos de ecossistemas nativos ainda não devorados pelo *modo de produção industrial* (EHRENFELD).

O *ecologismo*, quarta vareta do leque, consiste no esforço de construir um sistema filosófico que se vincule, de um lado, à modernidade por seu caráter de relato explicativo e emancipacionista totalizante e, de outro, à pós-modernidade por sua recusa às concepções teleológicas, escatológicas e intolerantes (SIMONNET). Sua aspiração à globalidade inclui um novo projeto tecnológico, econômico, social, político, cultural, de relações humanas, internacionais e humano-naturais (SOFFIATI: 1988, 1995).

É a partir deste espectro que podemos intentar compreender a chamada *educação ambiental* ou, mais apropriadamente, a *ecoeducação*. Não nos cabe dúvida de que, por trás de uma concepção educacional, sempre existe uma ideologia, uma teoria, uma visão de mundo. As chamadas concepções tradicional, tecnicista e libertadora, em seu estado original, conquanto partam de matrizes filosóficas não apenas divergentes mas também antagônicas, unem-se por um ponto: são antropocêntricas, sociocêntricas e culturocêntricas. Na perspectiva das três, existe um campo vazio e silencioso para além do "Homem", da "Sociedade" e da "Cultura", sendo a natureza não-humana um objeto de

apropriação do conhecimento e da tecnologia tão-somente.

Se e quando as concepções convencionais de educação fazem concessões à questão ambiental, esta é enfocada como mais um tema entre tantos e normalmente é tratado mediante projetos de caráter restrito. A tão propalada educação ambiental, nesta vertente, é reduzida a projetos relativos a lixo, a hortas escolares, a plantio de árvores, a reciclagem de materiais, a eventos em datas destinadas ao meio ambiente etc., muitas vezes tomados de empréstimo a órgãos governamentais especializados. Ou então entra nas disciplinas do currículo como um apêndice que ganha colorações e conotações distintas, dependendo da concepção de mundo, consciente ou inconsciente, de cada professor.

Por fim, falemos da *ecoeducação*, que decorre do paradigma organicista contemporâneo genericamente e do ecologismo enquanto proposta filosófica maior, tanto quanto decorrem a ecotecnologia, a economia ecologista, a ecossociologia, a ecopolítica, a cultura ecologista. A *ecoeducação* é uma concepção educacional que tem a respaldá-la uma proposta filosófica denominada ecologismo, filiada a um paradigma que pode ser chamado de organicista contemporâneo. Em sua forma avançada, a *ecoeducação* dispensa uma disciplina específica para tratar da crise ambiental, visto que este estágio pressupõe uma cultura ecologista como substrato. Se, porém, entendermos o momento atual como transição entre os paradigmas da modernidade e os paradigmas, digamos, pós-modernos, vemos a necessidade de a *ecoeducação* ser ministrada por uma disciplina que permita uma compreensão sistematizada e universal dos problemas ambientais, sem dispensar o concurso das demais disciplinas do currículo.

A esta disciplina, que poderia ser chamada de *educação ambiental*, caberia não apenas o empenho de conferir organicidade à abordagem da crise junto aos estudantes, como também junto aos professores das outras

disciplinas. Como uma crisálida da nova cultura, ela tem por tarefa também articular a comunidade intra-escolar (professores, estudantes e funcionários não-docentes) e a comunidade extra-escolar.

Em nome da Conferência de Tbilise, a proposta de uma disciplina própria para a educação ambiental é sempre vista de través por temer-se que exima as outras disciplinas da grade curricular do seu compromisso com a questão. Ora, o que se está propondo é a criação de uma transdisciplina que trabalhe com os estudantes, com os professores, com os funcionários não-docentes da escola e com a comunidade extra-escolar, até a construção de uma cultura ecologista de bases mais sólidas, se é que um dia ela será construída. Por mais que os órgãos governamentais de meio ambiente adotem uma postura compatibilista, a maioria das pessoas que lidam com a questão ambiental não pleiteia a sua extinção em nome de uma ecologização dos outros órgãos, e sim uma ação específica em defesa do meio ambiente e a inoculação desta preocupação e de uma prática correspondente nos outros órgãos. Assim também com a disciplina *educação ambiental*, principal agente da educação ecologista dentro da escola.

Referências Bibliográficas

- [1] BERNARDO, João. "Manifesto anti-ecológico". In: *¼ O Inimigo Oculto*. Porto: Afrontamento, 1979.
- [2] COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. *Nosso Futuro Comum*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1988.
- [3] DORST, Jean. *A Força do Ser Vivo*. São Paulo: Melhoramentos, 1981.
- [4] FBCN. *Conceito de Conservação*. Belém: Sudam, 1976.
- [5] ERICKSON, Jon. *Nosso Planeta Está Morrendo*. São Paulo: Makron, McGraw-Hill, 1992.
- [6] FUKUYAMA, Francis. *O Fim da História e o Último Homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- [7] GOULD, Stephen Jay. *Vida Maravilhosa: O Acaso na Evolução e a Natureza da História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- [8] LUTZENBERGER, José A. *Fim do Futuro? Manifesto Ecológico Brasileiro*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Movimento, 1978.
- [9] MAGALHÃES, Gildo. "A anti-ecologia necessária". In: *Socialismo e Democracia n.º 1*. São Paulo: jan/mar, 1984.
- [10] MCKIBBEN, Bill. *O Fim da Natureza*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- [11] MEADOWS, Donella H.; MEADOWS, Dennis L.; RANDERS, Jorgen e BEHRENS III, William W. *Limites do Crescimento*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- [12] MESAROVIC, Mihajlo e PESTEL, Eduard. *O Segundo Informe ao Clube de Roma*. Rio de Janeiro: Agir, 1975.
- [13] PÁDUA, José Augusto. "O ambientalismo e os movimentos sociais". In: *Desafios e Perspectivas do Movimento Ambientalista no Brasil*. Brasília: Fundação Francisco, 1995.
- [14] PELT, Jean-Marie. *A Natureza Reencontrada*. Lisboa: Gradiva, 1991.
- [15] PONTING, Clive. *Uma História Verde do Mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

- [16] SIMONNET, Dominique. *O Ecologismo*. Lisboa: Moraes, 1981.
- [17] SOFFIATI, Arthur. *Ecologia: Reflexões para Debate*. São Paulo: Paulinas, 1988.
- _____. *De um Outro Lugar: Devaneios Filosóficos sobre o Ecologismo*. Niterói: Eduff, 1995.
- _____. *A Crise Ambiental da Atualidade: Manifestações, Originalidade e a Emergência de um Novo Paradigma*. Campos: inédito, 1996.
- [18] TRAGTENBERG, Maurício. "Ecologia versus capitalismo". In: *Economia e Desenvolvimento* n° 2. São Paulo: fev/1982.
- [19] WILSON, Edward O. *Diversidade da Vida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.